Nº 08 Novembro/Dezembro de 2020

# ALMANAQUE TRIBAL

ANTIRRACISTA

Foto: Marcus Soares

Revista do Grupo de Pesquisa em Currículo, Docência e Cultura da Universidade Federal Fluminense

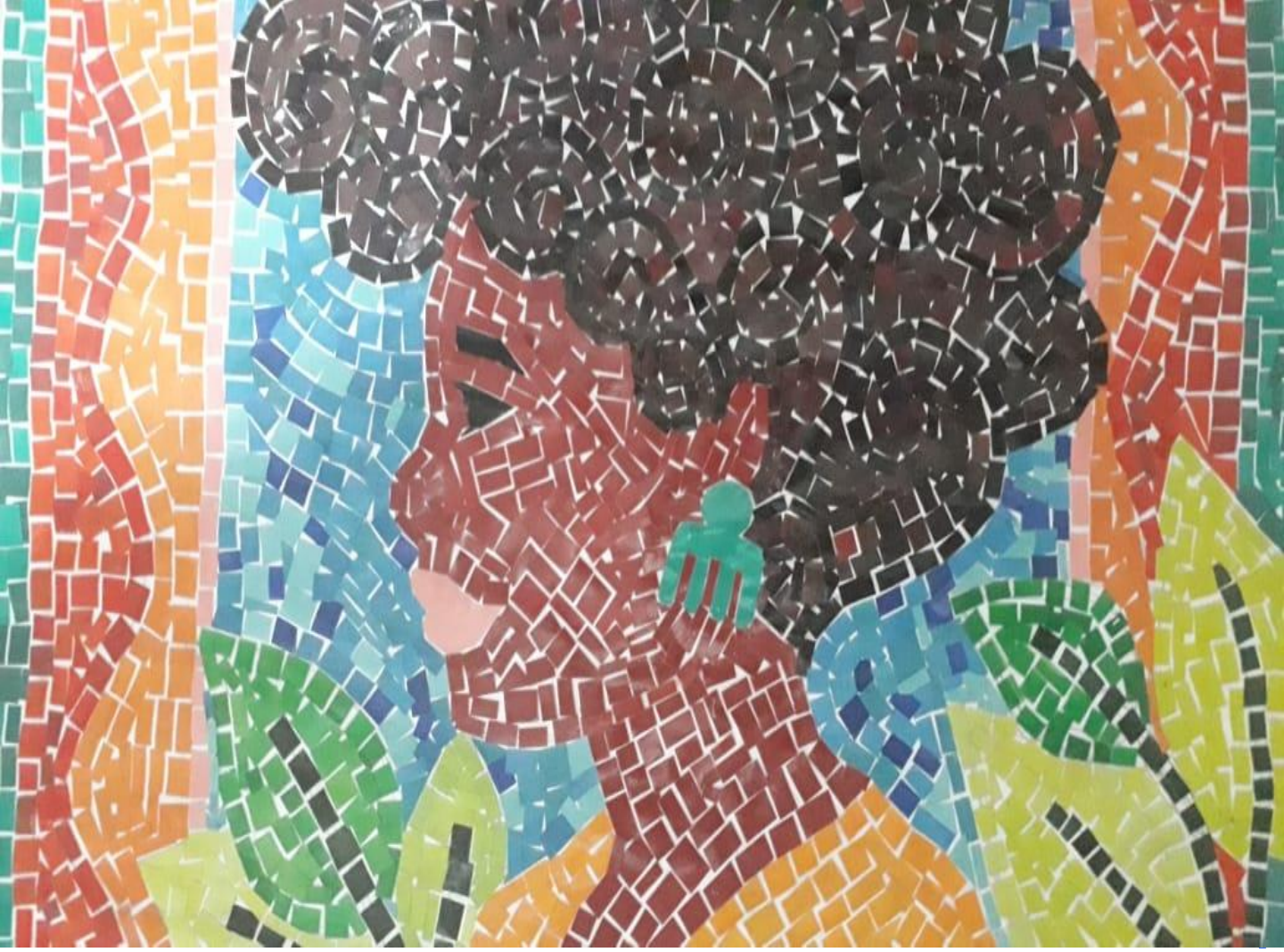


**Foto: Julia Dionísio**

# Pequeno Almanaque Tribal Antirracista

**Comissão editorial:**
**Bruno Venancio, Francisco Velasquez e João Augusto**

Prezados CeDeCistas, nesta edição especial do Almanaque Tribal, versão novembro/dezembro, mobilizamos o anúncio e a denúncia! Teremos cartas, desenhos, relatos, fotografias, receitas, humor, recomendações de leitura, filmes, documentários, séries e também reflexões sobre as questões étnico-raciais. As “Cartas para Othon” e “ Cartas aos Pais” são modos de dizer e ser com as narrativas urgentes e necessárias acerca da luta antirracista no cotidiano. Nossa inspiração vem da força e potência de Conceição Evaristo, Beatriz Nascimento, Esmeralda Ribeiro,Emicida e outros. Para saciar nossos corpos, temos as receitas de quibe, bolo de banana e banana pesés. Para maratonar, um catálogo recheado de ótimas leituras e indicações de séries/filmes/documentários. Na seção "Você sabia?", diferentes materiais e dados para pensarmos as relações étnico-raciais a partir de diferentes perspectivas. Podcast, estatísticas, reportagens e como ficou a representatividade nas eleições municipais de 2020. E as células roubadas de Henrietta ? Esperamos reafirmar/lembrar com esse AT, nossa busca e nossa luta antirracista, por uma sociedade justa, plural e democrática!  Boa leitura ! Feliz natal e um bom ano novo com ciência e esperança no Brasil.

**Número: 08,  Novembro/Dezembro de 2020**

# Fotografia

Hosana Ramôa

Hosana Ramôa

Hosana Ramôa

Hosana Ramôa

Marcus Soares

Jacqueline Girão

# Humor

## Tira do Armandinho

Colaboração de Daniel Ganzarolli

# Fotografia

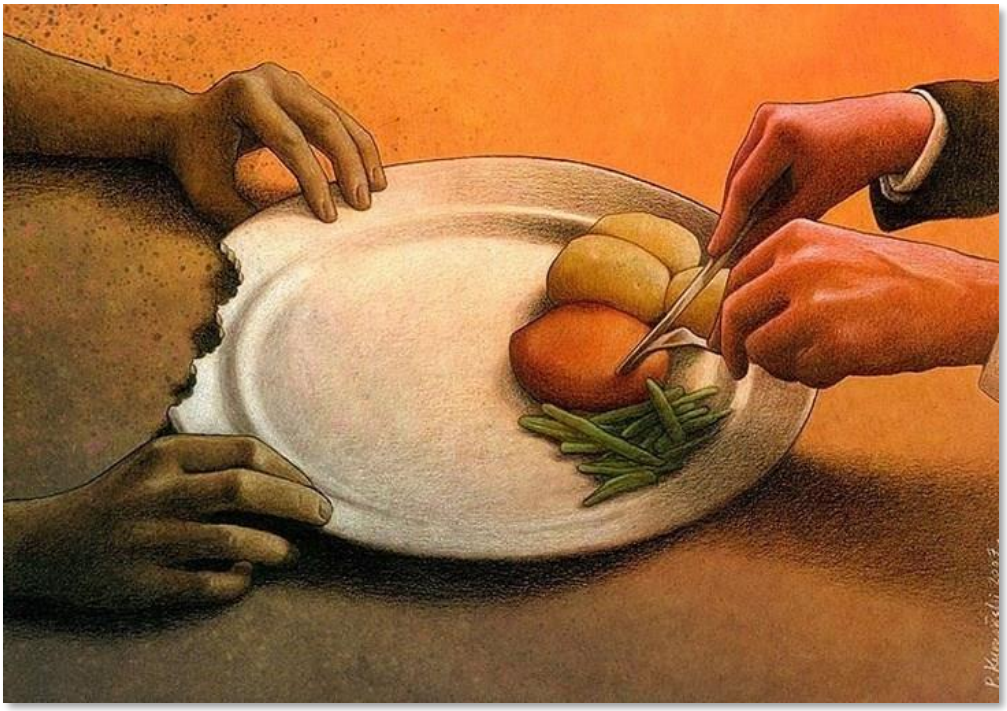
Jacqueline Girão

Jacqueline Girão

Jacqueline Girão

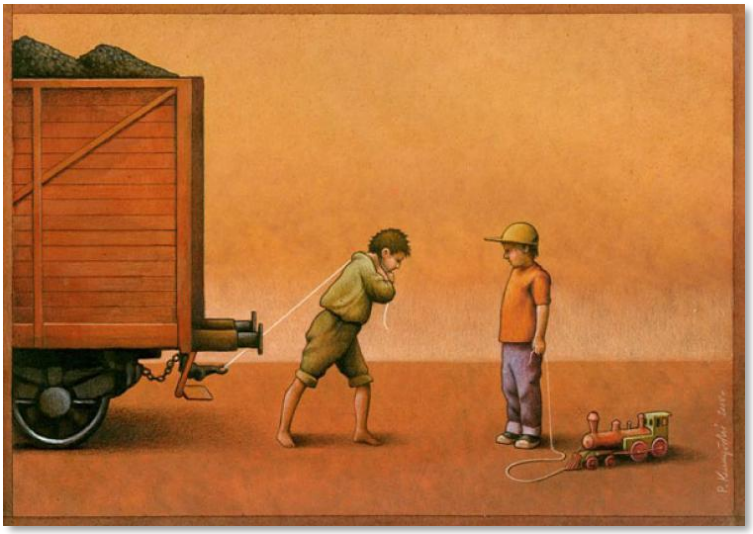
Marcus Soares

# Humor



Paweł Kuczyński

Colaboração de Francisco Velasquez



**Número: 08, Novembro/Dezembro de 2020**

# Carta aos Pais

**Prof. Dr. Marco Antônio Leandro Barzano (UEFS)**
**@cartasaospais**

Feira de Santana, 16 de novembro de 2020

Prezados pais e mães, bom dia!

Escrevo-lhes esta carta com o objetivo de que seja um anúncio de diálogo sobre nossos filhos. Neste mês de novembro em que se comemora o "novembro negro", considero importante tratar do assunto sobre racismo e, em especial, que ocorre com crianças e, por isso, vou relar um episódio que ocorreu com meu filho aqui no condomínio onde moro.

Três crianças de oito a catorze anos por alguns dias xingavam Othon, chamando-o de sujo, fedorento e porco. Essas palavras já tinham sido ditas por essas crianças quando Othon circulava pelo condomínio.

Pois é, penso que vocês concordarão comigo, mas esses episódios não podem ser considerados como "coisas de crianças". Acabam sendo apenas porque foram praticados por crianças, mas não podem ser minimizadas, como se fosse algo comum, natural, que faz parte do cotidiano de todas elas.

Não sou psicólogo, tampouco especialista da área infantil, mas tenho o mínimo de bom senso para compreender que, diante da faixa etária das crianças envolvidas, não há inocência, há intencionalidade. São palavras preconceituosas, racistas, que um dia elas aprenderam e estão reproduzindo.

Othon mora em um condomínio de classe média, cercado de crianças brancas, em sua grande maioria. Considero que nenhuma criança ou adulto poderá colocá-lo em situação de constrangimento, muito menos de serem preconceituosos(as).

Gostaria de dizer que tomo essa experiência como aprendizado, sobretudo para continuar educando meu filho para respeitar os(as) mais (velhos); não ser preconceituoso; não ser violento (física e simbolicamente) e agir com solidariedade, pois, conforme está escrito no tapete da entrada da minha casa: "gentileza gera gentileza".

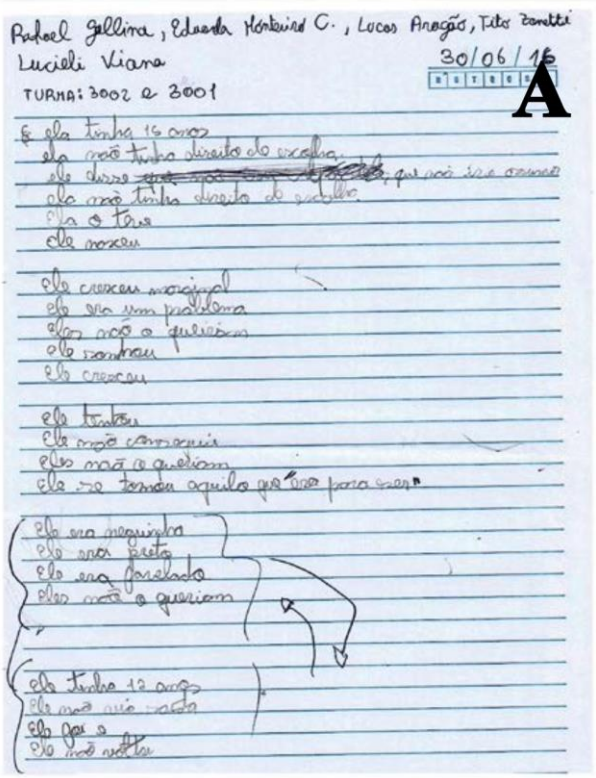
Ao concluir essa carta reafirmo que ela seja formativa e, por isso, sugiro algumas leituras para educarem seus filhos e filhas: Pequeno Manual Antirracista, de Djamila Ribeiro; O racismo explicado aos meus filhos, de Nei Lopes; Carta a minha filha, de Maya Angelou; Na minha Pele, de Lázaro Ramos e os infantis: Meu crespo é de rainha, de Bell Hooks; Contos africanos para crianças brasileiras, de Rogério Andrade Barbosa; e Cadernos de rimas do João e Cadernos sem rimas da Maria, ambos do Lázaro Ramos.

Além desses, têm muitos outros e que vocês podem me pedir e eu envio as referências para vocês, pois há muitos canais nas redes sociais que também são muito formativas para uma educação antirracista.

Um abraço,

Marco

# Para Refletir




Transcrição:

“E ela tinha 15 anos

Ela não tinha direito de escolha Ele disse que não iria assumir Ela não tinha direito de escolha Ela o teve

Ele nasceu

Ele cresceu marginal Ele era um problema Eles não o queriam Ele sonhou

Ele cresceu

Ele tentou

Ele não conseguiu

Eles não o queriam

Ele se tornou “aquilo que era pra ser”

Ele tinha 12 anos Ele não via saída Ele foi e

Ele não voltou

Ele era neguinho

Ele era preto

Ele era favelado Eles não o queriam.”

Poema escrito por um grupo de estudantes, retirado do trabalho de Monografia de Letícia Silva Pache Faria Moraes, intitulado "Debatendo o preconceito, onde ele se esconde? Discutindo temáticas étnico-raciais em uma escola Estadual do Rio de Janeiro. UFF, 2016. Enviado por Sandra Selles.

# Fotografia

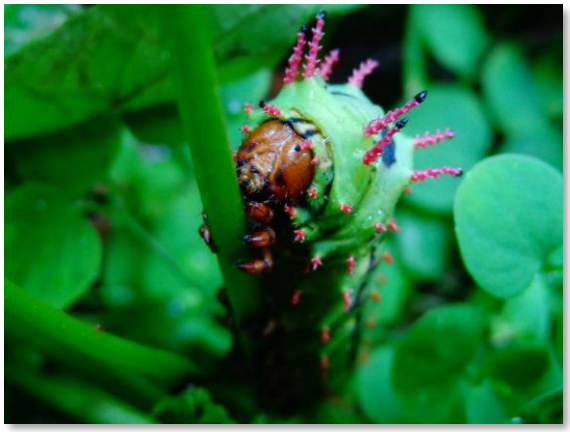
Hosana Ramôa

Marcus Soares

Hosana Ramôa

Jacqueline Girão

Hosana Ramôa



Julia Dionísio

# Carta ao Othon

Por Dinah Vasconcellos Terra

## Pensando com e para Othon!

É tarde de sábado e me proponho a contribuir com a edição do Almanaque Tribal com o tema da Consciência Negra e Luta antirracista proposto para esse mês de novembro. Sinceramente, não sei por onde começar!. Mas vou tentando nos fios da memória trazer algo que seja representativo para o meu interlocutor, Othon. Um menino que não conheço, mas sua história se parece com a de muito jovens negros desse país. Parada a frente do computador e me comprometendo a contribuir com esse número me pego perguntando, o que e como esse tema atravessa minha vida enquanto mulher, negra, gay e vinda de família de classe trabalhadora? Posso escrever sobre os diversos momentos que vivi com atitudes racistas ao me confundirem, por exemplo, no prédio onde moro com a faxineira de algum apartamento, piadas machistas de assédio nas ruas quando mais jovens ou de ouvir do seu melhor amigo (?) que é muito difícil fazer doutorado fora do país com bolsa e que em Barcelona (na Europa) se discrimina os brasileiros (ele nem conhecia a Europa!). Mas como filha de minha mãe (essa mulher merece uma história), aprendi, desde cedo, a enfrentar e a me transformar no que desejasse. Com muitas incertezas fiz a escolha por sempre arriscar, prosseguir e ter coragem de assumir o que não sei. Essa atitude, além de me levar a diferentes lugares me ensinou, também, a me defender de atitudes racistas e/ou machistas. Às vezes penso que fui meio destemida em algumas situações, quem sabe a experiência de 20 anos no esporte tenha me permitido a criar e recriar estratégias de superação nas diferentes jogadas para superar situações adversas. Mas, gostaria de reconhecer tais estratégias só foi possível por ser coletiva, sim fui atleta de esporte coletivo e competir nessa dimensão do ganhar, perder, superar, treinar, repetir, lesionar, recuperar, entrar no jogo novamente, não desistir e aceitar as regras do jogo como intocáveis.

O esporte, talvez, tenha permitido me reconhecer e posicionar um pouco mais frente às situações indesejáveis. Assim agradeço aos que nessa caminhada estiveram sempre por perto!. Os/as amigos/as, além da família, não deixaram que atitudes racistas determinassem o que eu seria. A luta contra qualquer injustiça social soava dentro de casa e se posicionar era a ferramenta contra o racismo que ainda continua urgente e necessária para que crianças como “Othon” possam ir e ser o que e onde desejarem. Othon, você não está sozinho, se conecte a luta coletiva ela será sua grande aliada no enfrentamento e na construção de um mundo sem preconceitos. Como diz Djamila Ribeiro e Silvio Almeida, temos que nos conectar a nossa ancestralidade. Interpreto esse encaminhamento como a valorização dos que lutaram em várias frentes para que todos e todas tivessem os mesmos direitos. Assim assumo o compromisso com essa ancestralidade! E não se preocupe Othon, você encontrará a sua e não estarás sozinho!. E para finalizar, na linha do trabalho coletivo, reconheço que atravessada pela pandemia, a luta desse grupo (CDC) foi de coragem ao pautar temas, de certa forma não problematizados e/ou desconhecidos pela grande maioria de forma mais direta no grupo, que nos potencializaram e nos transformaram em melhores seres humanos com tantas tensões políticas, sociais e educacionais que vivemos como sujeitos professores/as. O encontro sempre será o melhor espaço de luta! E eu? Continuo me reconheço no mundo e sigo caminhando com vocês nessas e em outras lutas que guiada por minha ancestralidade vou me esperançando no imperativo existencial e histórico como diz Paulo Freire.

***Primavera de 2020***

***Dinah Vasconcellos Terra***

# Carta ao Othon

Por Alessandra Cristina Raimundo

## Resistência na Educação Infantil

Ao receber o convite para contribuir com o Almanaque Tribal do mês de novembro com a história do Othon, recordei da história da Sophia uma aluna do ensino infantil que sofreu discriminação por conta do seu cabelo. Esse é um relato de uma prática pedagógica desenvolvida no ano de 2018 e tem atravessado a minha trajetória formativa! São as primeiras aproximações com a literatura de intelectuais negros/as no sentido de revelar a máscara do silenciamento e denunciar práticas racistas como bem disse Grada Kilomba (2019) "verdades que tem sido negada, reprimidas, mantidas e guardadas como segredos" (p.41). Portanto, a intenção aqui não é fornecer fórmulas e/ou receitas, mas, trazer reflexões para pensarmos caminhos de um fazer educativo antirracista. Para esse momento acredito que tenho mais perguntas do que respostas. Esse trecho destacado abaixo está nos anais do II seminário das relações étnico raciais na educação infantil organizado pela Gerência da Educação Infantil da prefeitura municipal do Rio de Janeiro.

*No outono de 2018, numa escola pública localizada na comunidade da Mangueira! Sophia, aluna do Ensino Infantil, ornada com 'coque' alto nos cabelos, que parecia uma coroa, carregava em seu rosto um sorriso aberto e feliz, evidenciado na forma como participava da aula em que se apresentava solta, ávida, curiosa. Durante a aula de Educação Física não percebeu olhares ou atitudes estranhas dos seus colegas a respeito do seu penteado. Entretanto, no horário da saída, ao conduzir a turma ao portão, presenciei alunos de outra turma sorrindo 'debochadamente' para Sophia. Eles disseram algo que não consegui ouvir. Ao olhar novamente para Sophia, que estava com uma blusa com 'capuz', percebi que escondia o penteado e seu rosto alegre carregava um semblante triste.*

*Assim, subitamente, ao me deparar com essa cena do cotidiano, fui afetada por uma multiplicidade de sentimentos. Não consigo responder há quanto tempo não me espantava com a realidade, sentindo-me perturbada, assim como Sophia. Logo, perguntei: o que estava acontecendo? Naquele instante, nos entreolhamos e o silêncio tomou conta daquele ambiente, os segundos pareciam horas. Assim, esquivando-se da pergunta, ela me responde: - Estão rindo do meu cabelo!*

*A tristeza expressa em seu rosto e o fato de esconder o cabelo nos revelam a dor e o sentimento de inadequação. Ela não estava se sentido à vontade, estava envergonhada por ter cabelos crespos e cobri-los era uma forma de se tornar invisível e silenciar a sua existência.*

Essa cena acarretou outras inquietações e assim decidi trazer para dialogar autores/as como Kabengele Munanga, Nilma Lino, Eliane Cavalleiro que apontam o processo de nos percebermos em uma sociedade racista, é o primeiro movimento que nós professores e professoras devemos reconhecer para romper com a hipocrisia da democracia do mito racial, ou seja, que vivemos todos e todas harmoniosamente, requer despojarmos-vos do medo de sermos preconceituosos e racistas.

Surpreendida com crianças na faixa etária da Educação Infantil com valores internalizados e reforçando práticas racistas segui me interrogando: Há quanto tempo estive imersa sem um olhar e uma escuta sensível para práticas discriminatórias raciais? Sensível ao sofrimento causado por tantas formas de desqualificação? Apelidos depreciativos.

De que modo intervir e pensar em práticas pedagógicas nas aulas de Educação Física no sentido de romper com a máscara do racismo em nossos espaços educativos? Sobretudo, como nós professoras e professores nos relacionamos com esses segredos revelados na relação vivida entre alunos/as? A lei 10.639/2003 que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro–Brasileira e Africana e Indígena fruto da atuação do movimento social negro, exige novos olhares e mudanças de práticas pedagógicas voltadas para um currículo descolonizado, questiona em nossas escolas, universidades o perigo da história única, hierarquizando determinados conhecimentos, excluindo a existência de outras epistemologias, saberes, culturas e grupos étnico-raciais.

Ao ler o artigo da professora Petronilha, uma das pareceristas da lei 10.639, no artigo "Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil, nos aponta caminhos para uma Educação antirracista

---

**Se atentarmos para experiências educativas entre povos indígenas, quilombolas e habitantes de outros territórios negros, veremos que não é somente com a inteligência que se tem acesso a conhecimentos. Que é com o corpo inteiro – o físico, a inteligência, os sentimentos, as emoções, a espiritualidade – que ensinamos e aprendemos que descobrimos o mundo. Corpos negros, brancos, indígenas, mestiços, doentes, sadios, gordos, magros, com deficiências, produzem conhecimentos distintos, todos igualmente humanos e, por isso, ricos em significados. (2007, p.501).**

Falar sobre as pautas dos grupos sociais minoritários e/ou marginalizados tornaram emergentes nas escolas com práticas pedagógicas pautadas por um diálogo intercultural. As histórias vividas pelo Othon, Sofhia e por tantas outras crianças revelam práticas discriminatórias sistemáticas fomentadas pelas instituições.

> Na escola as mudanças advindas da lei 10.639/03 demanda um processo de descolonização do currículo escolar, não se trata de inserir como tema transversal ou novos conteúdos escolares mas de propor repensar a "realidade, de uma mudança estrutural, conceitual, epistemológica e política" na Educação Brasileira (LINO, p. 106, 2012).

# Receitas

**Quibe de forno (por quem fez pela primeira vez...)**

**Sandra Escovedo Selles**

***Ingredientes:***

½ kg de carne moída (eu usei o patinho moído).
½ kg de trigo de quibe.
3 cebolas médias.
3 dentes de alho; uma porção generosa de hortelã e de salsinha.
sal e pimenta do reino a gosto.

***Modo de preparo:***

- Coloque o trigo de quibe de molho por uma hora.
- Após este tempo, esprema bem para retirar o excesso de água; misture todos os ingredientes na carne e junte o trigo hidratado;
- Mexer bem (muito bem), apertando a massa para que fique bem homogênea.
- Regue com azeite.
- Em uma assadeira untada coloque no forno médio por cerca de 50 minutos, observando sempre (a temperatura dos fornos pode variar).
- Depois de assado, passe a faca para cortar os pedaços enquanto a massa ainda está quente. Regue com azeite para servir.

***Variação 1:*** Além dos temperos listados coloque sopa de cebola a gosto. Cuidado com a medida do sal porque a sopa vem bem salgada.

***Variação 2:*** Ao invés de carne, experimente fazer com abóbora cozida ou berinjela.

## BOLO DOURADO

(Cenoura com aveia e açúcar mascavo)

*Enviado por Mariana Vilela*

***Ingredientes:***

3 cenouras médias.
4 ovos.
1 xícara de óleo de milho.
1 xícara de farinha integral.
1 xícara de farelo de aveia fino.
1 e ½ xícara de açúcar mascavo.
1 colher de sopa da fermento químico.
1 pitada de sal.

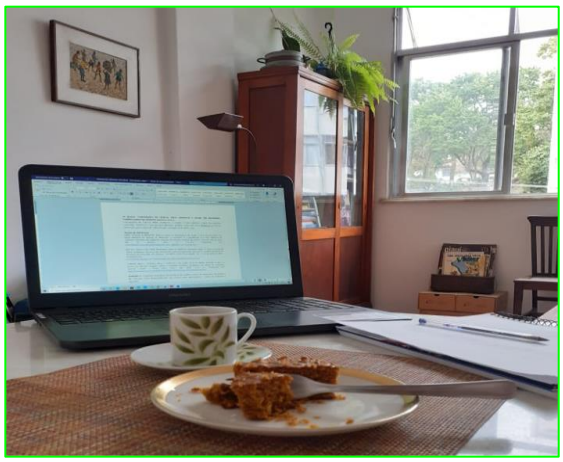
***Modo de preparo:***

-Descasque e corte as cenouras em rodelas e junte-as aos ovos e ao óleo no liquidificador. Bata no liquidificador até que fique homogêneo.

-Em um recipiente coloque a farinha, o açúcar, o farelo de aveia e o fermento. -Adicione a mistura batida no liquidificador e misture até que forme uma massa homogênea.

-Derrame a massa em uma forma untada com manteiga e farinha e leve ao forno pré-aquecido a 180° até que fique com a superfície dourada.

Tome com um café, na pausa do trabalho remoto!



## Banana Pesées

(Culinária Haitiana)

**Ingredientes:**

- 1 a 2 bananas prata por pessoa.
- Sal.
- Vinagre.
- Óleo para fritar.

**Modo de preparo:**

- Corte as bananas em cortes inclinados – cerca de 1,5 cm cada fatia.

- Coloque essas fatias em óleo quente, para fritura, por um tempo bem curto - apenas o suficiente para selar as superfícies;

Pressione levemente cada uma das fatias já seladas usando para isso uma tábua de cozinha, em baixo, e uma outra tábua, ou o fundo de um prato, para a parte de cima. As fatias prensadas ficarão com cerca de 03 mm de espessura. Retire-as com o auxílio de uma faca, colocando-as em um prato até que todas as fatias tenham sido prensadas;

- Mergulhe rapidamente as fatias prensadas (em grupos de umas 6 a 8 fatias) em uma solução de 2 copos de água, 2 colheres de vinagre e 1 colher de sal

- Leve essas fatias da solução "temperada" para o óleo quente, fritando até que fiquem douradas. Escorra sobre papel absorvente.

# Poesias

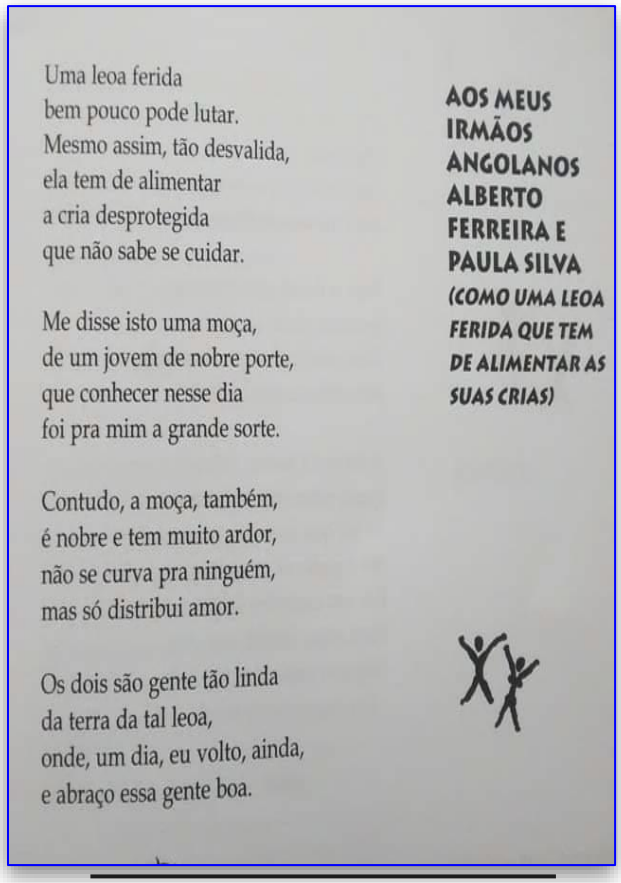
**A noite não adormece nos olhos das mulheres**

Por Conceição Evaristo
***Em memória de Beatriz Nascimento***

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.
A noite não adormece
nos olhos das mulheres
há mais olhos que sono
onde lágrimas suspensas
virgulam o lapso
de nossas molhadas lembranças.
A noite não adormece
nos olhos das mulheres
vaginas abertas
retêm e expulsam a vida
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
e outras meninas luas
afastam delas e de nós
os nossos cálices de lágrimas.
A noite não adormecerá
jamais nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede.

In: *Cadernos Negros*, vol. 19.
Fonte: Revista Prosa e Arte.

Indicação Bruno Venâncio



Uma leoa ferida
bem pouco pode lutar.
Mesmo assim, tão desvalida,
ela tem de alimentar
a cria desprotegida
que não sabe se cuidar.

Me disse isto uma moça,
de um jovem de nobre porte,
que conhecer nesse dia
foi pra mim a grande sorte.

Contudo, a moça, também,
é nobre e tem muito ardor,
não se curva pra ninguém,
mas só distribui amor.

Os dois são gente tão linda
da terra da tal leoa,
onde, um dia, eu volto, ainda,
e abraço essa gente boa.

AOS MEUS IRMÃOS ANGOLANOS ALBERTO FERREIRA E PAULA SILVA (COMO UMA LEOA FERIDA QUE TEM DE ALIMENTAR AS SUAS CRIAS)

***Sonho***

[A todas as mulheres pretas espalhadas pelo mundo, a todas as demais mulheres e a Isabel Nascimento, Regina Timbó e Marlene Cunha. 1989].

Seu nome era dor
Seu sorriso dilaceração
Seus braços e pernas, asas
Seu sexo seu escudo
Sua mente libertação
Nada satisfaz seu impulso
De mergulhar em prazer
Contra todas as correntes
Em uma só correnteza
Quem faz rolar quem tu és?
Mulher!...
Solitária e sólida
Envolvente e desafiante
Quem te impede de gritar
Do fundo de sua garganta
Único brado que alcança
Que te delimita
Mulher!
Marca de mito embotável
Mistério que a tudo anuncia

E que se expõe dia-a-dia
Quando deverias estar resguardada
Seu ritus de alegria
Seus véus entrecruzados de velharias
Da inóspita tradição irradias
Mulher!
Há corte e cortes profundos
Em sua pele em seu pelo
Há sulcos em sua face
Que são caminhos do mundo
São mapas indecifráveis
Em cartografia antiga
Precisas de um pirata
De boa pirataria
Que te arranques da selvageria
E te coloque, mais uma vez,
Diante do mundo
Mulher.

*NASCIMENTO, Beatriz. Todas (as) distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento / Organizado por Alex Ratts e Bethânia Gomes; ilustrado por Iléa Ferraz e revisado por José Henrique de Freitas Santos. Salvador: Editora Ogum's Toque Negros, 2015. P.32*

## Um grito de dor e um grito de esperança

**ISMÁLIA**

**EMICIDA part. Larissa Luz & Fernanda Montenegro**

Com a fé de quem olha do banco a cena
Do gol que nós mais precisava na trave
A felicidade do **branco** é plena
A pé, trilha em brasa e barranco, que pena
Se até pra sonhar tem entrave
A felicidade do branco é plena
A felicidade do **preto** é quase. Olhei no espelho, **Ícaro** me encarou
"Cuidado, não voa tão perto do sol
Eles num 'guenta te ver **livre**, imagina te ver rei". O abutre quer te ver de algema pra dizer."Ó, num falei?" ( Refrão)

**Acesse este link para continuar sentindo este grito:**
**https://www.youtube.com/watch?v=4pBp8hRmynI**

## AmarElo

**EMICIDA (Sample: Belchior - Sujeito de Sorte) part. Majur e Pabllo Vittar**

**Tenho** sangrado demais, tenho chorado pra cachorro.
Ano passado eu **morri**, mas esse ano eu não morro.
Tenho **sangrado** demais, tenho **chorado** pra cachorro.
Ano passado eu morri mas esse **ano** eu não morro. Aí, maloqueiro, aí, maloqueira. **Levanta** essa cabeça
Enxuga essas **lágrimas**, certo? (Você memo). **Respira** fundo e **volta** pro ringue (vai). 'Cê vai sair dessa prisão
'Cê vai atrás desse diploma
Com a **fúria** da beleza do Sol, **entendeu**?
Faz isso por nóis, faz essa por nóis (vai)
Te vejo no pódio.

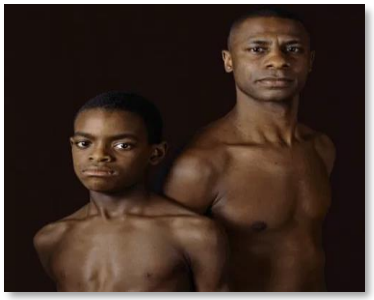
**Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro!!!!!!.**

**Grite:**
**https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU**

## Ensinamentos

**Por Esmeralda Ribeiro** (*Em Cadernos Negros Volume 31 – Poemas afro-brasileiros)*

Ser **invisível** quando não se quer ser
é ser mágico nato.
Não se ensina, não se pratica, mas se aprende.
no primeiro dia de aula aprende-se
que é uma **ciência** exata.
O invisível exercita o ser "zero à esquerda"
o invisível não exercita a **cidadania**
as **aulas** de emprego, casa e comida
são excluídas do **currículo** da vida.
Ser invisível quando não se quer ser
é ser um **fantasma** que não assusta ninguém.
quando se é invisível sem querer
ninguém conta até dez,
ninguém tapa ou fecha os **olhos**
a brincadeira agora é outra,
os outros **brincam** de não nos ver.
Saiba que nos tornamos invisíveis
sem truques, sem **mágicas**.
Ser invisível é uma ciência exata.
mas o invisível é visto no mundo financeiro
é visto para apanhar da **polícia**
é visto na época das **eleições**
é visto para acertar as contas com o Leão
para pagar prestações e mais prestações.
É tanto zero à esquerda que o invisível
na levada da vida soma-se
a outros tantos zero à **esquerda**
para assim construir-se **humano**.



## REFLEXÕES!!!!!!!!!!!!!!!!!!

### Eu venho de longe e você?

**Enviado e escrito por João Augusto Galvão**

Ancestralidade! Herança humana! Você já parou pra pensar no seu histórico de vida? O que você já jogou para o mundo em que pisa, como cultiva suas amizades e de qual fonte é a água que você bebe? Viver o imediatismo do tempo cronológico não permite aprofundar esses devaneios de sentidos sobre a vida.

Hoje, meu "eu" ancestral veio conversar comigo, ao pé do ouvido. Nossa quantas confidências, quantas cegueiras, ilusões, frustrações, alegrias e empatias já tive no planeta terra. Como não enxergar a vida do jeito que ela é ? A realidade existe ? O que é a realidade frente as tomadas de decisões que realizamos na vida?

Na busca pelo encontro com aquilo que fui um dia me deparo com inúmeras histórias individuais e coletivas em meu ser. Um verdadeiro andarilho pelas vielas e avenidas dos sentimentos que surgem nessa trajetória. A ancestralidade tem sido a resposta daquilo que procuro. A resposta daquilo que não foi dito por ninguém. A resposta da falsidade encarnada nos seres ao meu redor.

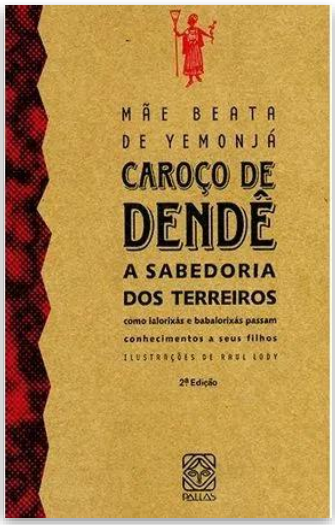
Vejo que a ancestralidade é uma espécie de pássaro que vem nos visitar em certos momentos da vida. Ela voa por aí, as vezes esquecemos de onde viemos, o que somos e para onde ela nos levará. Como conselheira, a ancestralidade é tudo aquilo que os olhos não querem enxergar!. Ancestralidade é o modo de viver que rompe com o ver parar crer!.

Qual a sua fonte ancestral?

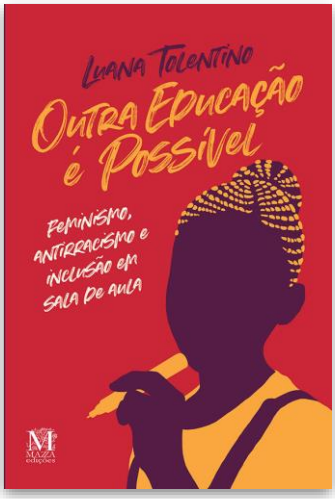
# Leituras

**Enviado por Flávio Santos**

O mês de novembro chega carregado de sentidos, simbologias e sobretudo ações de resistência. Os sons dos atabaques, as indumentárias e historicidade que emergem do continente africano reverberam na diáspora; construindo identidade e pertença. Em um país de população majoritariamente negra (aproximadamente 52% da população autodeclarada); segundo o organizador da Bienal do Livro de Contagem (Rafael Mansur) apenas 30% dos convidados em eventos literários são negros e negras. Nesta perspectiva este texto tem como intuito apresentar obras de duas autoras negras que emergem de territórios tradicionais.



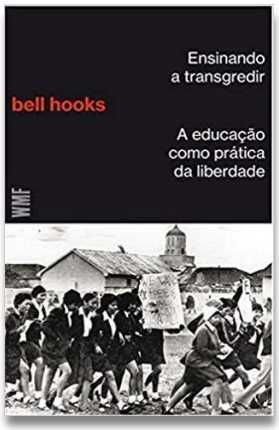

*i) Caroço de Dendê: A sabedoria dos terreiros* (Mãe Beata de Yemonjá) é uma leitura de acalento ancestral. A obra nos apresenta os contos e encantos que nascem dos terreiros de candomblé. Os saberes ancestrais que Mãe Beata compartilha nesta coletânea remete às memórias das agbás (sábias) dos povos tradicionais de matriz africana. Nesta obra as " histórias, com sua rica polifonia, são contos em que ebós, mezinhas e lágrimas-de-nossa-senhora se encontram num espaço de narrativa que expressa o dinamismo da cultura afro-brasileira" (Cardoso,2008,p.16).YEMONJÁ, Mãe Beata de. Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros como ioalorixás e babalorixás passam conhecimentos a seus filhos. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.




*ii) Outra educação é possível: feminismo,antirracismo e inclusão em sala de aula* (Luana Tolentino). A obra de Luana é um convite para olharmos para o chão da escola como espaço de fomento ao reconhecimento social e étnico de seus alunos(as). São crônicas de sua experiência docente enquanto mulher, negra e periférica atenta aos estudantes como atores protagonistas de suas histórias. Neste caminho a obra oferta reflexões sobre relações étnico-raciais, gênero e ressignificação dos saberes. TOLENTINO, Luana. *Outra educação é possível*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.

# Leituras

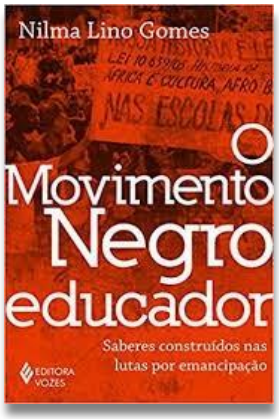
## Enviado por Júlia Dionísio e Carine Valiente




### Ensinando a Transgredir: A educação como prática da liberdade

Autora: Bell Hooks - Editora WMF Martins Fontes – Ano: 1994, tradução 2013.

Através de um diálogo estreito com a obra de Paulo Freire, a professora, escritora e intelectual negra Bell Hooks apresenta uma proposta de educação emancipatória, centrada na transgressão das fronteiras de raça, gênero e classe. Para a autora - conhecida por suas críticas mordazes ao sistema capitalista e à tradição colonial de exploração e racismo - a promoção da autonomia dos sujeitos sociais é o único caminho viável para alcançar a verdadeira liberdade.




### O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação

Autora: Nilma Lino Gomes - Editora Vozes – Ano: 2017.

O que a Pedagogia e as práticas pedagógicas teriam a aprender com o Movimento Negro? Esta é uma das muitas perguntas norteadoras que orientam as brilhantes reflexões da professora e intelectual negra Nilma Lino Gomes. Neste livro, a autora destaca as potencialidades educativas oferecidas pelos múltiplos braços do Movimento Negro Brasileiro, sobretudo em termos da produção, sistematização e difusão de conhecimentos próprios a respeito da dinâmica racial do país.

### Quarto de Despejo

Autora: Carolina Maria de Jesus - Editora: Ática - Ano: 1960.

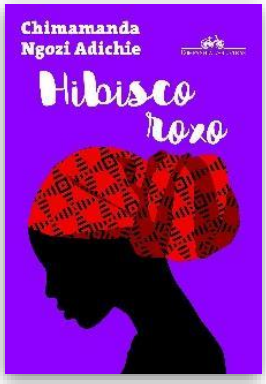
Entre meados e o fim da década de 1950, Carolina Maria de Jesus registrou seu cotidiano na antiga favela do Canindé, zona norte da cidade de SP. Nasceu em MG, em 1914, em uma família de humildes agricultores, aprendeu a ler ainda criança, durante uma curta passagem pela escola, e cultivou o interesse pela leitura e escrita por toda a vida. Seus relatos, em que registrou as angústias de seu dia-a-dia, representam um fiel e doloroso retrato da vida de uma mulher negra, mãe solo, trabalhadora e favelada.

# Leituras

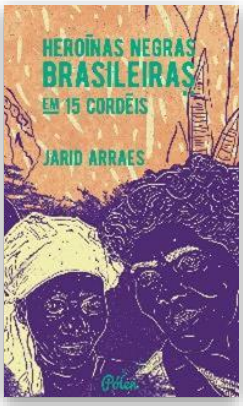
**Enviado por Júlia Dionísio e Carine Valiente**

**Leia também:**

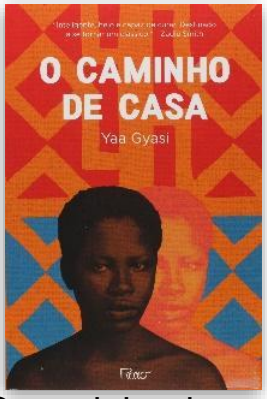
Um defeito de cor
*Ana Maria Gonçalves*



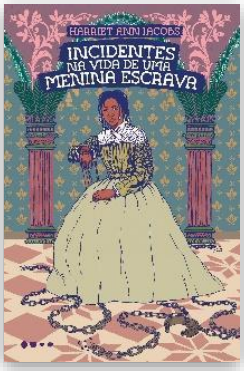

Hibisco Roxo
*Chimamanda Ngozi Adichie*



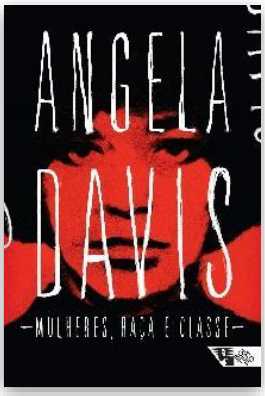

Heroínas Negras Brasileiras em 15 contos
*Jarid Arraes*



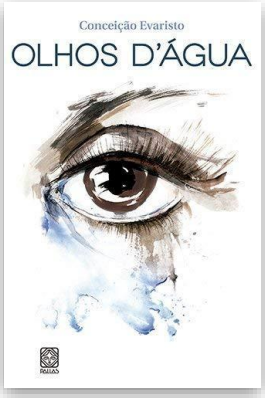

O caminho de casa
*Yaa Gyasi*




Incidentes na vida de uma menina escrava
*Harriet Ann Jacobs*




Mulheres, raça e classe
Angela Davis




Olhos D`água
*Conceição Evaristo*

# Filmes

**Enviado por Júlia Dionísio e Carine Valiente**

## Estrelas Além do Tempo

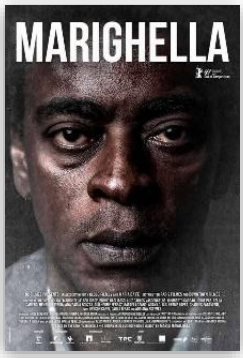
Filme – Direção: Theodore Mielf – 127min. - 2016 – EUA

Durante a guerra fria (1961), três mulheres matemáticas negras - Katharine Johnson (Taraji P. Henson), Dorothy Vaughan (Octavia Spencer) e Mary Jackson (Janelle Monáe) - assumem importantes papeis no êxito americano na corrida espacial enquanto lutam contra o sexismo e a segregação racial na agência espacial americana.
*Disponível:* ***Telecine play; Google play (R$9,90)***

## Infiltrado na Klan

Filme – Direção: Spike Lee – 136min. – 2018 – EUA

Em 1978, Ron Stallworth (John David Washington), um policial negro do Colorado, consegue se infiltrar na Klu Klux Kan local. Se comunicando com o grupo através de cartas e telefonemas e contando com a ajuda de um colega branco em encontros presenciais, Ron consegue fazer parte da liderança da kkk e sabotar uma série de crimes de ódio orquestrados pelos supremacistas brancos.
*Disponível:* ***Prime vídeo***




## Marighella

Filme – Direção: Wagner Moura – 155min. - 2019 – Brasil

O longa brasileiro conta a história dos 5 últimos anos de vida de Carlos Marighella, escritor, político e guerrilheiro, antes de ser morto pelo DOPS em uma emboscada. O filme que estreou em 2019 em festivais internacionais sofreu uma série de ataques por parte do governo Bolsonaro e setores da direita. Por problemas com a Ancine, a estreia no Brasil foi adiada para 2020 e, por conta da pandemia, adiada novamente para 2021.
**(Nos cinemas brasileiros em 14 de abril de 2021)**

# Documentários

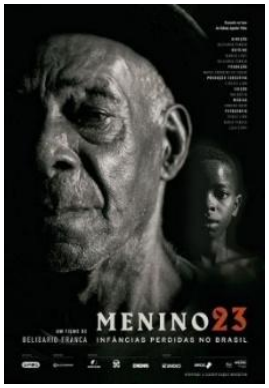
Enviado por Júlia Dionísio e Carine Valiente

## Libertem Angela Davis

Documentário - Direção: Shola Lynch - 97 minutos - 2012 – EUA

Retrata a vida e as angústias de Angela Yvonne Davis, durante o período na década de 1970 em que foi injustamente implicada na morte de um juiz e mais dois rapazes na Califórnia, no caso conhecido como o resgate dos 'Irmãos Soledad'. A filósofa, professora universitária e militante dos direitos civis se viu envolvida em uma trama política que levou seu nome à lista de mais procurados pelo FBI, por conta de sua filiação no partido comunista dos EUA e uma suposta associação com o movimento dos Panteras Negras.

Disponível: **Canal *Curta!***




## Menino 23: Infâncias perdidas no Brasil

Documentário – Direção: Belisário Franca – 80 minutos – 2016 – Brasil

Enquanto lecionava sobre nazismo alemão para uma turma do ensino médio, Sidney Aguilar descobriu a existência de centenas de tijolos com suásticas estampadas em uma fazenda no interior de SP. Através de uma longa investigação, o professor reconstituiu a história de 50 meninos negros, que foram levados de um orfanato do RJ para serem escravizados pela Família Rocha Miranda, ligada aos movimentos eugenista e integralista da década de 1930.

Disponível: ***YouTube***

## 13º emenda

Documentário - Direção: Ava DuVernay - 97 minutos - 2013 – EUA

Esta produção explora conexão entre o legado da escravidão e o racismo institucional que contamina sistema carcerário estadunidense. O roteiro intercala depoimentos de especialistas, intelectuais e ativistas com registros de condutas racistas de legisladores, agentes do judiciário e policiais; e examina a relação entre o encarceramento em massa da população negra do país e o processo de crescimento e privatização de penitenciárias.

Disponível: **Netflix**

# Séries

**Enviado por Júlia Dionísio e Carine Valiente**

## Lovecraft Country

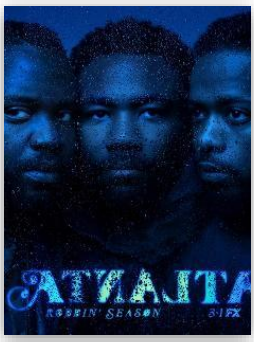
Série - 1 temporada – Direção: Jordan Peele e J.J. Abrams - 2020 - EUA .

A série criada por Misha Green subverte de forma brilhante a narrativa racista presente nos contos de horror de H.P. Lovecraft. Atticus (Jonathan Majors), um jovem negro veterano da guerra da Coréia, retorna aos EUA após o desaparecimento do seu pai, Montrose (Michael K. Williams) e embarca em uma aventura ao lado de Letitia (Jurnee Smollett-Bell) e seu tio George (Courtney B. Vance) em sua procura. A série que mistura horror, ficção científica e magia, tem como plano de fundo a segregação racial americana nos anos 1950 e traz uma série de referências a acontecimentos reais como o massacre de Tulsa e o assassinato de Emmet Till.
Disponível: **HBO**

## Olhos que Condenam

Minissérie – Direção: Ava Duvernay – 2019 - EUA

Conta a história real de cinco adolescentes negros do Harlem condenados injustamente pelo estupro de uma mulher branca em 1989. Korey Wise, Kevin Richardson, Yusef Salaam, Antron McCray e Raymond Santana foram detidos pela polícia no Central Park e, após 30 horas de coação e torturas psicológicas, confessaram o crime, dando início a um longo julgamento que culminou em uma sentença de 5 a 12 anos de prisão, mesmo com as provas materiais inocentando-os.
Disponível: **Netflix**




## Atlanta

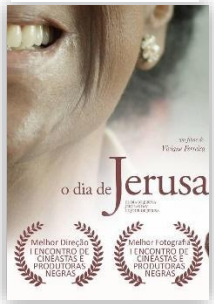
Série – 2 temporadas – Direção: Donald Glover

Esta comédia dramática narra a história de dois primos que sonham se destacar no cenário do Rap em Atlanta. Earn Marks (Donald Glover) sai da faculdade para agenciar a carreira de cantor de Rap do seu primo enquanto lida com a mãe de seu filho e o colaborador do primo. Donald Glover aposta na sátira para trazer críticas sociais para trama abordando temas como violência policial, transfobia e racismo.
Disponível: **Netflix**

# Assista também...

**Enviado por Júlia Dionísio e Carine Valiente**

O dia de Jerusa




*Youtube*

12 anos de escravidão

*Google play*

O ódio que você semeia

*Telecine*

Moonlight

*Netflix*

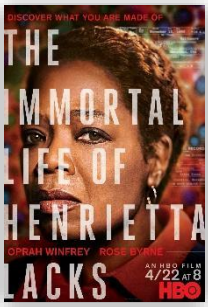
O menino que descobriu o vento

*Netflix*

Selma

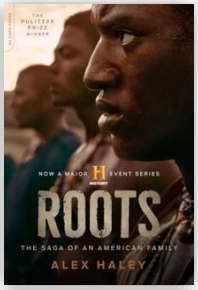
*Google play*

A vida imortal de Henrietta




*HBO Go*

Roots




*History Channel*

Cara gente branca

*Netflix*

Insecure

*HBO*

Irmandade

*Netflix*

Orange is the new black

*Netflix*

The Get Down

*Netflix*

Little Fires Everywhere

*Prime Video*

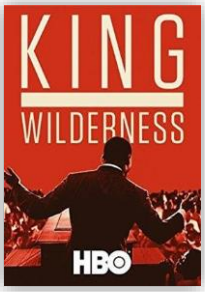
Eu não sou seu negro

*Globo Play*

Ah, branco, dá um tempo!

*YouTube*

King no deserto




*HBO*

A farsa: Ensaio sobre a verdade

*YouTube*

Dentro da minha pele

*Globo Play*

Justiça em julgamento

*Netflix*

# Recomendações

Enviado por Juli Nogueira

## Disney+ chega ao Brasil com avisos de racismo antes de desenhos.

Os textos de advertência foram atualizados em outubro no canal americano, após os protestos que mobilizaram milhões de pessoas nos EUA contra os constantes ataques desproporcionais da polícia norte-americana contra membros da comunidade negra.

A advertência anterior era o seguinte texto:

"Esse programa é apresentado como originalmente criado. Pode conter representações culturais ultrapassadas."

Advertência atualizada:

"Estes estereótipos eram errados no passado e são errados hoje em dia. Ao invés de eliminarmos esse conteúdo, queremos reconhecer seu impacto prejudicial, aprender com isso e provocar discussões para criarmos um futuro mais inclusivo e justo."

Tradução livre do site "Stories Matter" – (Histórias Importam)

Nos desenhos "Peter Pan" (1953) e "Dumbo" (1941), a versão atualizada é apresentada na tela por 12 segundos e não pode ser pausada ou evitada.

Com a atualização, a Disney assume erros do passado, antigos e mais recentes. Porém, em "Aladdin" (1992), a música generalizava a ideia de um oriente bárbaro. A música foi alterada, mas a ideia de barbarismo ficou.

-**"Dumbo" 1941** – O líder dos corvos se chama Jim Crow, é o mesmo nome das leis de segregação racial do sul dos EUA em grande parte do século 19. O quadro é uma homenagem aos shows nos quais artistas brancos pintavam os rostos de negro para fazer piadas com escravos.

-**"Alô, amigos" 1942** – Sem maiores ofensas aos latino-americanos (sic), deve ser datado devido aos seus quase 80 anos.

-**"Você já foi à Bahia?" 1944** – Os personagens Donald e Zé Carioca, viajam pela América Latina estereotipada, onde o Brasil seria uma grande selva. O DVD apresenta a imagem dos personagens usando chapéus mexicanos.

-**"Canção do Sul" 1944** – Não foi lançado por tratar o sul escravista estadunidense, como lugar idílico onde patrões e escravos tinham uma relação cordial e alegre.

-**"Peter Pan" 1953**– Estereótipos de indígenas com língua incompreensível chamados de "pele-vermelha".

-**"A dama e o vagabundo" 1955** – Gatos siameses com exagerados traços asiáticos são os vilões. Personagens caninos secundários se apresentam com características físicas raciais estereotipadas.

-**"A Cidade dos Robson" 1960** – Os piratas que ameaçavam a família, são atores brancos pintados de amarelo ou marrom, reforçando o barbarismo asiático e com idiomas incompreensíveis.

-**"Mogli" 1967** – O Rei Louie é um orangotango que canta jazz e be bop (estilos musicais de negros). Louie é considerado um estereótipo racista de afro-americanos.

-**"Aristogatas" 1970** – Um gato siamês é a caricatura de um asiático com traços exagerados e sotaque forçado, dublado por um branco que toca piano com hashis. A letra da música debocha da língua chinesa.

-**"Aladdin" 1992** – A música "Arabian Nights" foi alterada, mas a ideia de um oriente bárbaro e perigoso permaneceu.

-**"Fantasia" 1940** – Clássico que sofreu corte original na cena com uma centauro negra escovando os cascos da amiga branca.

# Você sabia?

Contribuição de Rosane Fernandes Locatelli

Que existe uma discussão no campo literário do que seria literatura negra e literatura afro-brasileira?

Que a literatura africana é a que é escrita por escritores dos países africanos?

Que na literatura infantil brasileira muitos livros são de autores brancos que falam do tema africanidades e cor da pele?

Para esquentar essas colocações, apresento alguns sites que podem nos ajudar a pensar e refletir sobre essas questões:

- http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais – Traz vários artigos sobre o tema literatura negra e literatura afro-brasileira
- http://www.acordacultura.org.br - Traz livros infantis animados, jogos e modos de fazer na escola valorizando a cultura afro-brasileira.

Livros animados - https://www.youtube.com/playlist?list=PLNM2T4DNzmq5aA3D0dOxNSrhsu9g7rxcS

- Heróis de todo mundo - https://www.youtube.com/playlist?list=PL20upv2JBXS1z-vtjikbNEJ8hegqD_wrE

- https://nandyalalivros.com.br - É uma editora que compartilha saberes de diferentes povos africanos e afrodescendentes, de forma que suas epistemologias, cosmovisões e formas de expressão possam circular entre leitoras e leitores dos vários continentes.

**Podcast do Unicef conta histórias da cultura afro-brasileira para crianças**

https://pretapretopretinhos.blogfolha.uol.com.br/2020/11/16/podcast-do-unicef-conta-historias-da-cultura-afro-brasileira-para-criancas/?utm_source=mail&utm_medium=social&utm_campaign=undefinedmail

Recomendação de Sandra Selles

# Você sabia?

O Atlas da Violência de 2020 mostra que em **10 anos**, houve um aumento de **11,5%** nos assassinatos de **pessoas negras** no Brasil.

Link da reportagem:
https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-27/numero-de-homicidios-de-pessoas-negras-cresce-115-em-onze-anos-o-dos-demais-cai-13.html

**Estatísticas Raciais no Brasil** -

- **75,5%** - percentual de homicídios cujas vítimas eram pessoas negras.
- **64,2%** - percentual dos desempregados que correspondem a pessoas negras.
- **61,6%** - percentual de feminicídios cujas vítimas eram pessoas negras.
- **60%** - percentual da população carcerária que corresponde a pessoas negras.
- **56,1%** - percentual de pessoas que se declaram negras.
- **9,1% / 3,9%** - comparação entre percentual de negros e brancos analfabetos.
- **8,9%** - percentual de membros negros nos Tribunais Superiores.
- **4,9%** - percentual das cadeiras nos Conselhos de Administração das 500 empresas de maior faturamento ocupadas por pessoas negras.
- **1,3%** - percentual dos indicados à melhor direção no Grande Prêmio do Cinema Brasileiro que correspondem a pessoas negras.
- **R$ 934 / R$ 1.846** - comparação entre o salário médio dos negros e aquele dos brancos.

Fonte: Lupa e Folha de São Paulo, 2019. Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/11/20/consciencia-negra-numeros-brasil/

Contribuição de *Franco Biondo*

## Desemprego tende a aumentar ainda mais entre pretos e pardos em 2021, aponta FGV

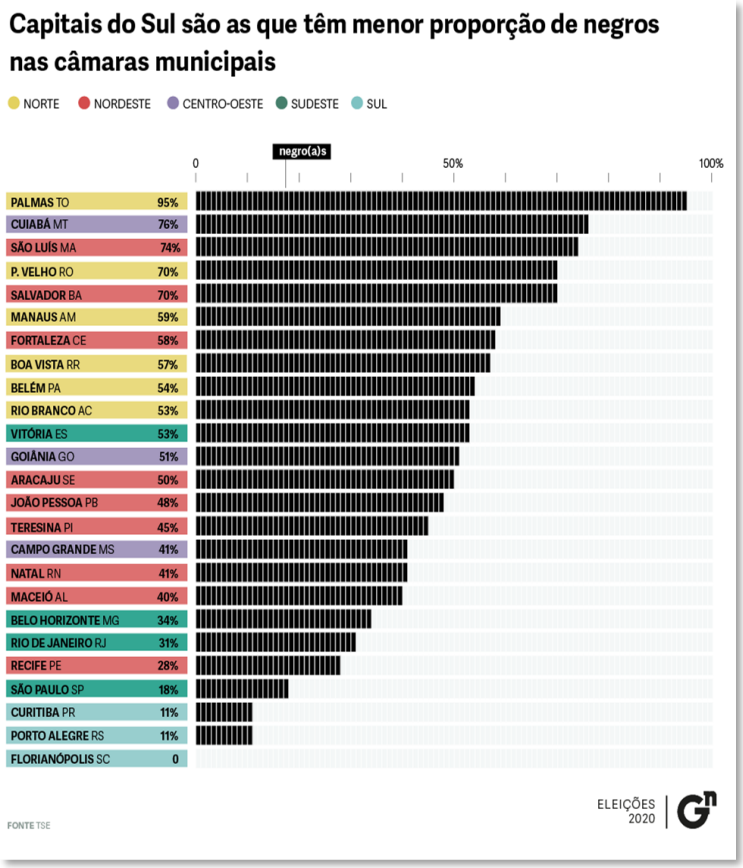
**Segundo pesquisador, programa de suspensão de contratos e redução de jornada de trabalho foi mais intensa entre os pretos e pardos e isso deverá ter 'efeito rebote' no ano que vem.** **Link da reportagem:** https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/11/18/desemprego-tende-a-aumentar-ainda-mais-entre-pretos-e-pardos-em-2021-aponta-fgv.ghtml

Contribuição de *Sandra Selles*

# Você sabia?

**Mesmo com aumento das candidaturas negras, Câmaras municipais seguem com maioria branca no país.**
**Link da reportagem:**

https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2020/eleicao-em-numeros/noticia/2020/11/17/mesmo-com-aumento-das-candidaturas-negras-camaras-municipais-seguem-com-maioria-branca-no-pais.ghtml
Contribuição de *Sandra Selles*

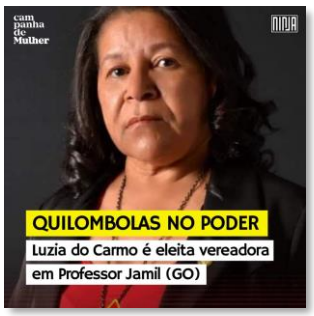



**Fonte:**http://generonumero.media/eleicoes2020/

## Eleições 2020: 58 quilombolas são eleitos em diferentes estados brasileiros.

### Link da reportagem:

https://www.brasildefato.com.br/2020/11/16/eleicoes-2020-58-quilombolas-sao-eleitos-em-diferenes-estados-brasileiros




Veja mais na página do Mídia Ninja
https://midianinja.org/

Contribuição de *Bruno Venâncio*

# Você Sabia?

**Perifa Connection:**

O Deus Negro na experiência evangélica e a Consciência Negra

**Link da matéria**
https://www1.folha.uol.com.br/colunas/perifaconnection/2020/11/o-deus-negro-na-experiencia-evangelica-e-a-consciencia-negra.shtml?utm_source=mail&utm_medium=social&utm_campaign=compmail

**Nefrologista carioca descobre a primeira médica negra do Brasil e fala de representatividade: 'número ainda é baixo'**

**Baiana Maria Odília Teixeira foi a primeira mulher negra a se formar em medicina no Brasil, no início do século XX. ' O número de médicos negros ainda é baixo', diz a médica carioca Scyla Maria Reis. Série especial do G1 'O que nos une' marca semana da Consciência Negra.**

**Link da matéria:**
https://g1.globo.com/consciencia-negra/noticia/2020/11/19/nefrologista-carioca-descobre-a-primeira-medica-negra-do-brasil-e-fala-de-representatividade-numero-ainda-e-baixo.ghtml

# Para Refletir

Desenho feito por uma aluna, retirado do trabalho de Monografia de Letícia Silva Pache Faria Moraes, intitulado "Debatendo o preconceito, onde ele se esconde? Discutindo temáticas étnico-raciais em uma escola Estadual do Rio de Janeiro. UFF, 2016. Enviado por Sandra Selles.

Se houvesse um monumento à memória negra, deveria ser construído no fundo do mar,

em homenagem aqueles que se perderam na travessia.

Na impossibilidade de levantar tal monumento, me dedico a construir uma obra literária sobre o tema.

Conceição Evaristo (F. São Paulo, 4 mai 2017).

Retirado de : Escrevivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes ; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. --Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020.p. 76.

Enviado por Sandra Selles

# Reflexão –
## As células roubadas de Henrietta Lacks.

### Recomendação de *Carine Valiente e Julia Dionísio*

No best-seller *A Vida Imortal de Henrietta Lacks*, a jornalista Rebecca Skloot, reconstrói, através de uma extensa pesquisa documental, a vida, a morte e a imortalidade de Henrietta, a mulher negra e pobre, esquecida pela Ciência, cujas células, recolhidas sem a sua autorização, salvaram milhões de vidas, pois foram decisivas para importantes avanços na área da medicina e da farmacologia.

Henrietta nasceu em 1920, em uma família de humildes agricultores de tabaco, residentes da região rural do estado da Virgínia, nos EUA. Com apenas 21 anos, já casada e com dois filhos, mudou-se para a cidade de Baltimore, em Maryland, em busca de melhores oportunidades; onde viveu com o marido, teve mais três filhos e veio a falecer precocemente em 1951, poucos meses após a descoberta de um agressivo câncer cervical.

Foi na enfermaria pública para negros (à época, os EUA vivia o período de segregação racial), do renomado hospital Johns Hopkins, onde Henrietta buscou tratamento em 1950, que o médico Howard Jones coletou, pela primeira vez, amostras de seu tumor, colocando-os em tubos de ensaio marcados com as suas iniciais *HeLa*. George Gey, chefe do laboratório de cultura de tecidos humanos da instituição, tentava há décadas, sem sucesso, cultivar células cancerígenas *in vitro.* Ao analisar o tecido retirado de Henrietta, Gey observou que as células se multiplicavam rapidamente e, diferentemente de outros tecidos tumorais, não morriam.

Sem o consentimento de Henrietta ou de seus familiares, as células começaram a ser distribuídas para diversos laboratórios, inicialmente sem fins lucrativos. No entanto, a grande demanda motivou a construção de uma fábrica em Tuskegee, no Alabama, para a produção em larga escala. O aumento da demanda, associado à capacidade de produção de seis trilhões de células semanalmente, contribuiu para o início de uma indústria bilionária e internacional de venda de material biológico.

Apenas um ano após a morte de Henrietta, em 1952, as células *HeLa* possibilitaram a produção e testagem em massa da vacina para a poliomielite e importantes contribuições nas pesquisas sobre câncer e HIV. Além de terem sido largamente utilizadas, nas décadas seguintes, para o desenvolvimento de diversos fármacos, na avaliação de mutações por radiação, pesquisas sobre o impacto de condições ambientais extremas em células humanas, distúrbios cromossômicos e nos primeiros ensaios de clonagem.

Somente na década 1970 que a família de Henrietta descobriu o legado involuntário que ela havia deixado para o mundo. Seus filhos, que também forneceram amostras de tecido para Gey e sua equipe - embora sem terem sido informados com detalhes dos motivos para tanto - nunca foram recompensados ou mesmo notificados oficialmente do que foi feito com as referidas células e viveram uma vida difícil, marcada pela extrema pobreza e a pela perda precoce da mãe.

Corpos vulneráveis, de negros e pobres - caso de Henrietta e sua família - foram utilizados de maneira sistemática em diversas investigações médicas. Por exemplo, de acordo com o levantamento de Skloot, pessoas negras que procuravam o Johns Hopkins para o tratamento contra a sífilis, não recebiam os cuidados adequados, para que o desenvolvimento dos estágios mais graves e irreversíveis da doença pudessem ser acompanhados, caracterizados e descritos.

Em outros estados, como Mississipi e Carolina do Norte, mulheres negras eram histerectomizadas compulsoriamente, como forma de controle populacional e para a prática da técnica, realizada com consentimento em mulheres brancas. Casos semelhantes de esterilização forçada de mulheres, por volta de mesma época, foram denunciados por entidades e representantes de comunidades indígenas nos EUA, Canadá e também no Brasil.

O que demonstra que violação de corpos humanos para fins de pesquisa e controle racial, que parecia ter sido enterrada junto aos campos de concentração nazistas, poucos anos antes da morte de Henrietta, permanecia viva e firme na enfermaria para negros do Jonhs Hopkins e de muitos outros hospitais nos EUA e em outros países - impulsionada por um misto de supremacia racial e autoridade médica e investigativa.

Inúmeras descobertas e avanços da medicina escondem histórias amargas como a de Henrietta. Os problemas éticos que acompanham certos avanços científicos não aparecem com frequência em artigos, materiais acadêmicos ou livros didáticos. Assim, apesar das valorosas conquistas tecnológicas obtidas através dos estudos com a linhagem *HeLa*, é imprescindível considerar a dimensão humana e social que constitui e move o empreendimento científico e os conhecimentos por ele produzidos. Neste sentido, é importante pensarmos com cuidado e politicamente sobre o lugar que corpos como o de Henrietta (femininos, negros, periféricos e destoantes do padrão) ocupam na produção científica, na educação de maneira geral e no ensino de Ciências e Biologia.

Que no centenário do nascimento de Henrietta, celebrado neste ano de 2020, mantenhamos viva em nossas memórias, salas de aula e cotidianos a história da mulher das células imortais.

## UMA DICA